

ARTURIANISMOS: uma proposta de memória do medievo

João Gabriel T. de Sousa¹

RESUMO

O artigo aborda a construção da lenda do rei Arthur como uma tapeçaria de tradições e elementos de épocas diferentes. Embora existam esforços para encontrar um Artur histórico, a lenda pode fornecer uma oportunidade para o historiador entender como as épocas afetaram e mudaram a tradição memorialística em volta de Artur. O artigo examina momentos históricos marcados pela publicação de livros e suas contribuições para o imaginário social referente ao mito. A metodologia utilizada é um diálogo entre estudos de memória e a literatura produzida. O artigo conclui introduzindo o conceito de "arturianismos" como práticas de memória literária que percorreram a Europa antiga e medieval.

Palavras-Chave: Arturianismos; Literatura Arturiana; Memória medieval; História Inglesa

ABSTRACT

The article discusses the construction of the legend of King Arthur as a tapestry of traditions and elements from different eras. Although there are efforts to find a historical Arthur, the legend can provide an opportunity for historians to understand how different periods have affected and changed the memorial tradition surrounding Arthur. The article examines historical moments marked by the publication of books and their contributions to the social imaginary related to the myth. The methodology used is a dialogue between memory studies and produced literature. The article concludes by introducing the concept of "Arthurianisms" as practices of literary memory that have traveled through ancient and medieval Europe.

Keywords: Arthurianisms; Arthurian Literature; Medieval Memory; English History

INTRODUÇÃO

Um dos maiores problemas ao se tratar de mitologia é observá-la como obra única, como obra coerente em todas as suas partes, quando, na verdade, as mitologias se portam muito mais como uma grande colcha de retalhos, ou um grande quebra cabeça. Com peças que se juntaram em épocas diferentes, algumas que foram deixadas pelo caminho, algumas que foram perdidas para sempre (CAMPBELL, 1988). Nem sempre cada elemento dessa tapeçaria condiz coerentemente com o conjunto inteiro, pois, se cada peça é também obra de seu tempo, as contradições daquele tempo também estão ali.

A lenda do Rei Artur² é um conjunto de várias tradições de diversas épocas da história inglesa, sendo, muitas vezes referida como Ciclo Arturiano, por se tratar de uma dessas tapeçarias, com contribuições de épocas diferentes, de conceitos literários diferentes (LUPACK,

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). E-mail: acad.jgsousa@gmail.com

² Durante esse artigo, a grafia do nome de Arthur foi optada por ser a grafia sem o "th", sobretudo para relatar a semelhança com o termo "arturiano", que pode ser considerado gramaticalmente correto, o que não pode ser apontado para *athuriano*.

2005). Por vezes, historiadores se empenharam em buscar a historicidade do mito, buscando suas prováveis origens e em qual contexto os principais documentos foram produzidos. Esses profissionais, representados aqui por Lacy, Ashe e Lupak, dentre outros, são o ponto de partida para compreender a “História Arturiana”³. Enquanto os historiadores por muitos anos investigaram os resquícios históricos que comprovassem a existência do Rei Artur, penso existir outras oportunidades de análise na história da lenda. Muito mais que entender qual contexto Artur teria vivido, a memória construída sobre ele sobreviveu por séculos e chega mesmo até os dias atuais.

De livros, filmes, brinquedos e desenhos animados ou representado em revistas em quadrinhos, Artur (e também sua corte) faz parte do imaginário ocidental de uma forma ou outra. Todavia, a memória construída em torno dessa figura histórica ou pseudo-histórica também pode ser matéria de estudo, analisando as mudanças e permanências ocorridas em peças literárias características de uma tradição memorialística sobre Artur. É este o conceito de “arturianismos”, uma prática de memória, e neste artigo em específico, uma memória literária. Aqui escrevo sobre como cada época projetava Artur em suas lembranças. Dessa forma, analisarei cinco obras distintas, cada uma inserida em um contexto literário, sendo marcos importantes para compreender como a memória sobre Artur mudou, como novos arturianismos surgiram.

Analiso, respectivamente: Os primeiros relatos, representados pelo poema *Y Gododdin* e *Historia Brittonum*; Relatos importantes, representados por *Historia Regum Britanniae*, *Lancelot e le Conte du Graal*; e, por fim, encerro com uma análise do chamado Ciclo Vulgar, como representante *le Morte d’Artu*⁴. Em cada tópico, busco mostrar como a memória de Artur foi construída e como a cultura medieval deixou suas marcas nos arturianismos de cada época. Ressalto que esse é um artigo curto, desenvolvido para lançar o conceito de arturianismos como uma abordagem para se pensar a memória medieval. Vários dos itens que elenco aqui merecem seu artigo próprio. O que este trabalho propõe é um panorama pontual, mas atento o suficiente para demonstrar como os arturianismos mudaram conforme o tempo.

³ Considero como “História Arturiana” um movimento historiográfico de profissionais como historiadores, arqueólogos e linguistas que, desde o século XIX buscam comprovar ou ao menos dissertar sobre a historicidade de Artur. Incluo na História Arturiana as contribuições desde do século XIX até as mais recentes, como por exemplo os trabalhos de Geoffrey Ashe, que trabalho nesse artigo.

⁴ Cada um dos livros foi e pode ser acessados digitalmente, em domínio público e mesmo a síntese apresentada por Lacy e Ashe (2013) e também a de Lupak (2005) pode ser consultada para uma explicação que, embora breve, é uma síntese válida e interessante.

Ainda que este artigo busque fazer uma oposição de abordagens entre a história arturiana e a memória arturianística, é importante situar o leitor ao conteúdo produzido por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento sobre a possível existência de Artur. Historiadores, literatos e arqueólogos que reuniram, sintetizaram e produziram conhecimento sobre a lenda. Destaco aqui dois autores que utilizo nesse artigo, Alan Lupack que organiza e sintetiza bastante das principais obras dos cronistas sobre Artur, e Geoffrey Ashe, também em conjunto com Lacy, que é um dos maiores historiadores da história arturiana, principal defensor e formulador da “hipótese do Riothamus ou Rigotamus” uma das respostas da historiografia moderna para a pergunta “quem foi Artur?”. Outra grande influência para com esse artigo foi um vídeo-ensaio do canal *Overly Sarcastic Productions* (2018), que me forneceu em grande parte uma direção para o primeiro mapeamento das fontes, que não poderia deixar de ser citado.

Apoiando-se no pensamento de Jacques Le Goff, de que “o mito não só é objeto da história, mas prolonga em direção às origens, o tempo da história, enriquece os métodos do historiador e alimenta um novo nível da história” (LE GOFF, 1990, p. 56), faço uso historiográfico da memória. Tomando como base outros estudos sobre a memória, como Pollak, Norra, Todorov e Candau, que estudaram aspectos da memória sobretudo do século XX, elenco momentos em que os eventos da memória descritos por esses autores também podem ser verificados no estudo dos arturianismos. Em um diálogo entre a produção literária de cada época, o próprio contexto literário da época e estudos sobre a memória em geral, este artigo pretende demonstrar que a memória arturianística é também objeto do historiador e, como tal, esteve e ainda está sujeita a mudanças e permanências.

AOS FATOS⁵

A historiografia moderna indica que Artur, da maneira como é popularmente concebido, não existiu nem seria possível de ter existido. O imaginário popular sobre Artur é fruto de outras épocas, um mito que acompanha as sombras nas paredes da Torre de Londres, da Abadia de Westminster e até as catacumbas romanas em Londres. O que se sabe sobre Artur, mais do que sobre sua existência, é o seu contexto. O contexto que um Artur histórico teria

⁵ Esta sessão se configura muito mais como uma explicação contextual das contribuições da história arturiana para os conceitos usados neste artigo. Ainda assim, esses conceitos expostos não estão longe de serem contestados, bem como muitos debates históricos foram simplificados em função do tamanho do artigo.

existido é bem diferente do que os filmes relatam (LACY, 2013). Artur, se existiu, e é necessário que isso seja pontuado, foi um bretão romanizado da província romana da Bretanha, posteriormente o reino da Dumnonia, área atual que compreende grande parte das atuais províncias de Dorset e Somerset. A Bretanha, como província decadente do Império Romano, desde cerca de 410, sofria ataques de povos invasores, primeiramente dos pictos, pelo norte e depois pelos saxões, pela costa leste da ilha.

Nesse contexto, Artur provavelmente foi um guerreiro que, lutando ao lado dos bretões, teria atrasado a conquista saxã da Dumnonia e seus arredores em anos ou décadas. Seria, também, parte da aristocracia militar dos bretões, ou pelo menos conhecido e afeito a ela, mas é praticamente incerto que tenha sido rei. Também é possível que Artur não tenha sido ninguém, e esta é atualmente a vertente que mais se difunde. No campo da historiografia atual, os que movem esforços na direção de um Artur histórico, mesmo que sem os elementos lendários, um Artur mutilado de sua história, são minoria no cenário acadêmico. A carência de fontes dessa época é um advogado cruel contra qualquer conjectura que tente ver Artur na história bretã. Existem, basicamente, duas formas de se lidar com a carência de fontes sobre Artur: a falta de documentação escrita pela não existência de um rei ou governante chamado Artur (ou seja, Artur seria um produto de épocas posteriores, um elemento de um imaginário popular e apenas isso) e a falta de documentação pela destruição de bibliotecas, mosteiros e má preservação de manuscritos, que não legaram à atualidade conhecer a produção da época de Artur propriamente dita (Artur seria, então, obra de seu tempo, é seu tempo que não chegou completamente a nós, pois o vazio não é total) (LACY, 2013). Ambas as explicações são fundamentadas em questões reais, mas é um fato que a incerteza reina até que se encontre novas fontes. Na dúvida, o ceticismo da ciência privilegia a primeira hipótese.

Provada ou não a existência desse rei que quase certamente não foi rei, a discussão desenvolvida nesse artigo não se baseia na historicidade ou não de Artur, mas do que foi escrito sobre ele. Esta sessão inicial se posiciona aqui de forma a esclarecer o que a história arturiana descobriu até o momento e até que ponto o debate arturiano está fechado. Muito mais que a história de Artur, a sua memória se revela muito mais oportuna para compreender não o contexto dessa figura, mas o contexto daqueles que teceram documentos sobre ele e projetaram seu imaginário na lenda. Por fim, a memória, configurada na forma dos Arturianismos, consegue contar sobre aqueles que compartilharam de seu imaginário e nele deixaram sua marca.

PRIMEIROS RELATOS (*Y GODODDIN* E *HISTORIA BRITTONUM*) E A MEMÓRIA DA GUERRA

O documento mais antigo a participar da tradição literária arturiana foi o *Y Gododdin*, um épico galês composto entre os séculos VI e IX, embora sua real posição temporal possa ser questionada. O *Y Gododdin* não é uma obra dedicada a Artur, nem mesmo o tem como figura central, mas a outro guerreiro, Gwawrddur, que era habilidoso em matar seus inimigos, “mas não era nenhum Artur”⁶ (ANEIRI, *apud* LUPACK, 2005, p. 13). Essa é a primeira pista para compreender a memória de Artur, ou, em outras palavras, o Arturianismo como prática de memória sobre Artur. A memória literária mais antiga que é possível traçar atualmente nos informa que Artur é tido, para a poesia galesa, como referência de guerreiro, um guerreiro melhor que Gwawrddur, protagonista do épico.

Mas, se Artur era um guerreiro de habilidade conhecida, de onde teria vindo? A primeira imagem de Artur foi forjada no conflito entre bretões contra os invasores anglos e saxões, sendo ele um guerreiro que defendia sua terra, vinculado à memória do combate aos saxões, sobretudo em Gales e na Cornualha. O período entre “a retirada das tropas dos romanos em 410 e a consolidação dos reinos saxões é algumas vezes referenciado como uma ‘Era Britânica dos Heróis’” (FULTON, 1994, p. 18), em que o território era defendido por grandes homens que lutaram em batalhas contra os invasores vindos do mar. A primeira memória atrelada a Artur muito provavelmente não foi a de um rei, mas de um lendário defensor das ilhas bretãs em exemplo aos outros guerreiros como Gwawrddur, a figura central do poema *Y Gododdin*.

Enquanto o *Y Gododdin*, como na forma encontrada no *Livro de Aneirin*, não relata muito sobre Artur, séculos à frente, no século IX, Nennius, um monge bretão, escreve o seu *Historia Brittonum*, a História dos Bretões, em tradução literal. Nennius concorda com a maioria dos cronistas anteriores a ele, Gildas e Beda⁷, por exemplo, ao indicar que os saxões foram liderados pelos irmãos Hengist e Horsa, conforme indica Lupack (2005), sendo primeiramente chamados para a ilha para lutar contra os Pictos, povos do norte que atacavam os povos romanizados abaixo da Muralha de Adriano (NENNIUS, 2000). Entretanto,

⁶ Existe, entretanto, debate se a comparação de Gwawrddur com Artur tenha sido uma invenção posterior, visto que a versão do poema mais antiga a conter essa comparação está no *Livro de Aneirin*, que remonta à segunda metade do século XIII, de acordo com Lupack (2005, p. 13 e 14).

⁷ Com as obras respectivamente *De Excidio et Conquetu Britanniae* e *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*.

Nennius, o autor, adiciona um novo elemento à guerra contra os saxões: a presença de um líder entre os reis bretões, Artur. De acordo com Nennius “então estava o magnânimo Artur, com todos os reis e forças militares da Bretanha, lutou contra os saxões/ E embora houvessem muitos homens mais nobres que ele, ainda ele foi doze vezes escolhido comandante e era, geralmente, vencedor” (NENNIUS, 2000, p. 23).

O livro *Historia Brittonum* é, atualmente, o documento mais antigo⁸ a relatar a existência de Artur, mas não o relata como um rei, e sim corrobora com a visão estabelecida no poema *Y Gododdin* de um Artur guerreiro antes de monarca. O guerreiro que aparece no *Historia Brittonum* não se parece com um monarca, justamente por Nennius citar que “houvessem muitos homens mais nobres que ele”, o que abre margem para o questionamento se Artur sequer era parte da aristocracia bretã-romanizada de sua época. A imagem de Artur como um guerreiro precede em muito a figura posterior de rei. Mesmo já como monarca, o Artur guerreiro ainda se mostra sensível em outras obras.

Enquanto escrito no início do século IX, talvez no final do VIII, o *Historia Brittonum* foi criado num contexto de derrota bretã. A cultura bretã e celta na Inglaterra do século IX estava restrita em grande parte a Gales e na Cornualha. Não é possível dizer, completamente, que houve (na Bretanha pós conquista até a formação da Inglaterra) uma política ampla de silenciamento da memória bretã aos moldes que outros autores que estudaram o campo da memória propõem, como Pollak (1989), Todorov (2000) e Norra (1984). Isso ocorre porque estes autores se debruçam sobre eventos do século XX, um momento histórico diferente, com um estado nacional consolidado e um quadro sociopolítico que diverge em muito da Bretanha e Inglaterra Medieval. Entretanto, pode-se traçar certos paralelos com fenômenos da memória descritos por esses autores, ligados sobretudo à natureza da memória e da disputa de narrativas. Por exemplo, pode-se afirmar com segurança que a memória bretã e celta era marginalizada numa sociedade dominada pelos anglos, saxões e jutos. Ao pensar na memória celta anterior ao *Historia Brittonum* como memória subterrânea (POLLAK, 1989), sua expressão em uma nova obra é um novo fator ressignificador da memória presente na ilha. Enquanto memória transmitida entre os bretões, o arturianismo, ou seja, a memória construída em torno de Artur, era transmitida na maior parte do tempo apenas para aquele grupo.

⁸ Existem divergências sobre qual documento é verdadeiramente o mais antigo, como por exemplo, o *Annales Cambriae*, que pode ser mais antigo que a obra de Nennius, mas neste artigo optarei por uma simplificação em prol da linha de raciocínio desenvolvida, evitando entrar em discussões específicas que não as muito pertinentes ao tema.

Arrastava-se pelas frestas da derrota, lembrando-se de vezes que os bretões ganharam dos saxões, embora o presente mostrasse a clara vitória dos invasores vindos do mar. No caso de Nennius, com o *Historia Brittonum*, um processo ainda mais complexo pode ter surgido. Por ter sido um monge bretão, Nennius estava imerso nessa contradição entre a lembrança do passado e o presente, o que lhe dificultava a expressão da memória. O *Historia Brittonum* é um esforço de traçar uma continuidade desse passado aparentemente glorioso com um presente de derrota. Como indica Pollak:

Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões. (POLLAK, 1989, p. 14)

Tomando em conta que Nennius tinha como ponto de partida o seu próprio tempo no fazer histórico (LE GOFF, 2002), o processo de formação da memória e de construção de uma coerência narrativa evocava um passado distante, longe do quadro de dominação que se encontrava no tempo do autor. Assim como Beda, autor saxão anterior, fez antes dele, Nennius propõe uma tradição memorialística de seu povo. A memória proposta por ele é um retorno a um passado que já foi encerrado pela consolidação da conquista saxã. A utilização desse passado, portanto, é ingrediente essencial para a identidade que o documento traz até em seu título: História dos Bretões. Para Nennius os bretões que ele fala é o mesmo povo descendente de Brutus, o mesmo povo que sofreu a derrota pelos saxões, perdendo suas terras, e, por fim era o mesmo povo que o próprio Nennius pertencia. A memória dos bretões, um arturianismo dos bretões para bretões. A memória de um povo que sofria com contradições entre o passado e o presente. Dessa maneira, o *Historia Brittonum* se configura não apenas como uma narrativa histórica ou pseudo-histórica, mas como uma peça memorialística de um povo, tendo Artur como figura central desse passado, aquele que foi seu líder em seus poucos momentos de vitória.

FONTES ANTERIORES A NENNIUS (*DE EXCIDIO ET CONQUESTU BRITANNIAE* *E HISTORIA ECCLESIASTICA GENTIS ANGLORUM*)

É importante citar que os autores anteriores a Nennius, como Beda e Gildas, mencionados anteriormente, não creditavam batalha alguma a um comandante-rei chamado

Artur, quanto mais a um guerreiro com este nome (LUPACK, 2005). A memória da guerra, tratada em Gildas, com o *De excidio et Conquestu Britanniae*, livro temporalmente mais próximo às batalhas da conquista saxônica⁹, aborda os efeitos da guerra, partindo da memória de um grupo individual, os monges bretões (dos quais Gildas era um representante), para outros grupos. Esse processo, característico da escrita da memória, está atrelado à história-memória, pois buscava representar uma memória de um grupo de forma explicativa e compreensível por outros, como era de costume entre os cronistas medievais, de acordo com Norra (1993). A memória da guerra em Gildas é tratada de forma a ser um aprofundamento espontâneo não da história, mas da memória, ainda que a distinção entre história e memória naquela época ainda não fosse tão vigente como na contemporaneidade (NORRA, 1993).

Esse mesmo efeito parece estar presente também nos escritos de Beda, em seu livro *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, embora a continuidade da memória da guerra certamente se deva ao fato de que Beda usou Gildas como sua principal fonte do período da conquista da Bretanha (LACY, 2013, p.11). Não é razoável, por sua vez, ignorar o fato de que a memória dos saxões também esteja em questão. A memória, como forma de lembrança de história plural e individual (NORRA, 1993), exerce poder identitário, além de explicativo, sobre o passado, possibilitando a Beda realizar sua criação do chamado “Gentis Anglorum”, o povo saxão, o seu povo. Mesmo não sendo fator identitário o argumento primeiro, Beda, ao tratar da guerra, vincula a identidade dos saxões à conquista da Bretanha e suas batalhas, criando uma memória saxã utilizando como referência uma memória bretã sobre o evento, ao ter Gildas como fonte.

O mesmo relato, nesse caso, serve para a identificação de grupos diferentes. Como indicado por Jöel Candau (2012), um fato público pode despertar conhecimentos diferentes dependendo do sujeito, criando conflitos da memória (os embates de grupos sociais no controle da narrativa, tentando erradicar outras narrativas) e conflitos sobre a memória (com o aparecimento de outras versões e olhares sobre a memória antes consolidada) (CANDAU *apud* SILVA *et al*, 2020, p. 46). É difícil definir qual tipo de conflito estava presente em cada obra, por não termos conhecimento amplo da produção da época, nos falta outros contextos linguísticos e memoriais. Existiam outras fontes que citavam Artur? Talvez essa memória

⁹ O livro de Gildas provavelmente foi escrito uma ou duas gerações após a Batalha de Monte Badon, um dos marcos da história arturiana por ser referenciada por Nennius (NENNIUS, 2000) como a maior batalha vencida por Artur. Dessa forma, entre as fontes bretãs desse período, está seria a obra temporariamente mais próxima ao “Artur histórico”.

estivesse viva na literatura, mas tenha sido destruída em um conflito de memória. Ou só com Nennius que existe uma real possibilidade de retirar essa memória das sombras? Caso tenha ocorrido um conflito de memória inicialmente, que prezava pela destruição da memória sobre Artur, é possível Gildas, um bretão, estivesse envolvido nesse processo, voluntária ou involuntariamente, mas é incerto fazer esse apontamento, sendo arriscado beirar o campo da especulação. O que se tem certeza, atualmente, é que a partir de Nennius, com Artur como uma figura real na memória, se abre uma oportunidade de criação de conflitos sobre a memória, propiciando a criação de novas versões memorialísticas, mostrando outros olhares, outras tradições que cruzam este mesmo ponto. A tentativa de fundamentação de uma memória da guerra de conquista da Bretanha, tanto Nennius, Gildas ou Beda, abre caminho para esses processos de conflito envolvendo a narrativa sobre o passado, uma memória divergente em um tempo fechado e incerto, elemento fundamental para se compreender as obras posteriores que citaram Artur.

A INGLATERRA DOS NORMANDOS E GEOFFREY DE MONMOUTH

Cerca do ano de 1136, um monge chamado Geoffey de Monmouth escreveu o livro *Historia Regem Britanniae*, ou a História dos Reis da Bretanha. Em sua crônica, Monmouth descreve uma longa linhagem de reis, com Brutus, ou *Brute*, como o primeiro rei dos bretões, do qual a ilha deriva seu nome (MONMOTUH, 1999) até o último, Cadwallader (MONMOTUH, 1999). Dentre os reis citados, Geoffrey dá maior destaque para Artur e lança mão do material que serviria de base para todo o ciclo arturiano posterior à publicação de seu livro, História dos Reis da Bretanha. Artur é filho de Uther Pendragon, rei dos bretões, com Igraine, a esposa do duque da Cornualha, Gorlois. Esse nascimento somente ocorreu pela ação de Merlin, um mago e profeta poderoso que transformou a aparência de Uther para que ficasse idêntico ao marido de Igraine e pudesse com ela se deitar, dessa união posteriormente nasce Artur. Uther então, toma conta do castelo, mata Gorlois e se casa com Igraine. Uther vive sua vida com Igraine, tendo mais uma filha, chamada Anna, até que morre por envenenamento por conspiradores aliados aos saxões. Artur, então, herdeiro do trono, toma a coroa para si enquanto ainda jovem. Em seu reinado, iniciou uma série de conquistas, tanto na Inglaterra quanto fora dela, chegando até a França e a Escócia, por exemplo. Artur consegue, com a ajuda do mago Merlin, uma espada mágica, dada por uma mulher misteriosa chamada

de Dama do Lago, que lhe entrega a espada *Caledfwlch*, ou *Caliburnos*, em sua versão latinizada. As conquistas de Artur¹⁰ chegam ao ponto que os territórios que ele conquista desafiam o imperador romano em pessoa. Artur declara guerra a Roma, vai para batalha, e enquanto deixa sua corte, Mordred¹¹, um dos cavaleiros da corte, toma o trono e se casa com Guinevere, rainha e esposa de Artur. Artur retorna para casa, descobre a traição, enfrenta Mordred em batalha e é fatalmente ferido, sendo levado pela feiticeira (ou fada) Morgana para a ilha de Avalon (MONMOUTH, 1999).

A obra de Monmouth apresenta o gênero de crônica, assim como as obras citadas anteriormente (Nennius, Gildas e Beda), o que indica que Geoffrey de Monmouth desejava, pelo menos a primeiro momento¹², retratar um tempo pretérito e não diretamente criar os fatos apresentados. É claro que o processo de escrita e pesquisa dos cronistas medievais não são equivalentes ou semelhantes aos da historiografia moderna (BLOCH, 2002, p. 141), podendo estar os cronistas envolvidos em um perfil mítico de realidade ou baseados em uma interpretação religiosa dos fatos e não analítica. Para a perspectiva de uma história arturiana, o caráter factual ou literário de cada uma das obras analisadas é um fator importante a ser levado em consideração, pois é vital compreender se havia um esforço mínimo de veracidade para com o passado ou se o autor apenas queria desenvolver seus temas com personagens criados de sua imaginação. Todavia, pela abordagem da memória, sobretudo na proposição de arturianismos como práticas de memória, o caráter crônico ou romancista da obra não apresenta tanta relevância, pois cada livro, com ou sem compromisso com o passado é a expressão da memória e a percepção do passado colocada em prática.

O *Historia Regem Britanniae*, mais que o *Historia Brittonum*, pode ser considerado, pela visão prática, o fundador da tradição arturiana literária, justamente por fornecer o material básico para os romancistas após sua publicação. Em poucos pontos os elementos dispostos por Monmouth foram ignorados ou completamente subvertidos. Enquanto os principais elementos literários do ciclo arturiano foram estabelecidos com Geoffrey de

¹⁰ Em Monmouth, é a conquista da Gália por Artur que desperta o conflito entre Lucius, o imperador romano e o rei dos bretões.

¹¹ Mordred, na versão de Monmouth, é na verdade sobrinho de Artur, filho de Anna com Loth de Lothian. Somente em versões posteriores a maternidade de Mordred seria deslocada para Morgause e depois até Morgana Le Fay.

¹² Embora essa afirmação possa (e deva) ser colocada em dúvida, arrisco aqui a simplificar a motivação de Monmouth para escrever seu livro como uma inspiração de um cronista, mas que recorria à mitologia para preencher lacunas e embelezar a história. Na realidade, sua real motivação era muito mais complexa e divergia de cronistas contemporâneos e esse tópico pode ser ampliado para maior discussão.

Monmouth, também é válido notar que o autor buscava criar uma narrativa coesa para a nova aristocracia normanda da Inglaterra. Este tema é sensível, sobretudo, quando se considera que o livro *História dos Reis da Bretanha* foi dedicado a Robert de Gloucester, filho bastardo do rei Henrique I, da casa da Normandia:

Para você, portanto, Robert, conde de Gloucester, esta obra humildemente implora o favor de ser corrigida por seu conselho, de modo que não seja considerada a pobre descendência de Geoffrey de Monmouth, mas quando polida por sua mente refinada e julgamento, a produção daquele que teve Henrique, o glorioso rei da Inglaterra, como pai, e que vemos como um estudioso e filósofo completo, além de ser um bravo soldado e comandante experiente; de modo que com alegria reconhece que em você ela possui outro Henrique. (MONMOUTH, 1999, p. 2 – 3, tradução nossa)¹³.

Para oferecer à Inglaterra Normanda um mito de fundação, Monmouth descreve, após uma linhagem cronológica de Adão até os bretões, que os reis da Bretanha, por serem descendentes de Brutus, são, também descendentes dos habitantes de Tróia, visto que Brutus era neto de Enéias (MONMOUTH, 1999, p. 4 e 5). Com a nova estrutura social levada pelos normandos a partir da conquista de 1066, a aristocracia em si se agraciou com o livro de Monmouth, com o trabalho sendo traduzido para o francês pelo poeta Wace, cerca de 1155 (LACY, 2013, p. 61). A obra de Wace, enquanto poeta, acrescentou a Távola Redonda, um dos elementos principais da tradição escrita dali em diante. Todavia, a tradução de Wace e outros esforços literários para recontar a história de Artur após Monmouth foram muito mais de natureza romancista do que crônica, mudando pouco a pouco o caráter do ciclo arturiano.

A MITOLOGIA CELTA NA HISTÓRIA DOS REIS DA BRETANHA

Existe uma presença clara da mitologia e do folclore celta na obra de Monmouth. O que não acontece em livros anteriores, como em Nennius por exemplo. Em Nennius, Artur é um guerreiro cristão devoto à Virgem Maria (NENNIUS, 2000, p. 23), já em Geoffrey de Monmouth, Artur é um rei bretão que busca uma espada sagrada forjada na ilha de Avalon com uma entidade que emerge do lago, semelhante a uma divindade druida, ou seja, celta, e até quando Artur morre ele é levado para a ilha de Avalon por Morgana, uma feiticeira e

¹³ “To you, therefore, Robert earl of Gloucester, this work humbly sues for the favour of being so corrected by your advice, that it may not be thought to be the poor offspring of Geoffrey of Monmouth, but when polished by your refined wit and judgment, the production of him, who had Henry the glorious king of England for his father, and whom we see an accomplished scholar and philosopher, as well as a brave soldier and expert commander; so that Britain with joy acknowledges, that in you she possesses another Henry.”

sacerdotisa dos deuses antigos. É notável um contraste aparente da carga de elementos culturais dos celtas trazidos a partir de Monmouth.

É intuitivo pensar, ao observar o processo de cristianização da Bretanha, que os elementos folclóricos, a cultura tradicional e as religiões pagãs praticadas tendam a desaparecer no tempo. De fato, conforme discutido por Le Goff (1990), é possível verificar esse evento ao observar a sociedade medieval e sua tradição literária de memória. Afinal, não apenas a sociedade bretã foi cristianizada durante a antiguidade tardia e o medievo, mas sua memória também foi. Conforme se adentra na alta idade média, a Igreja se consolida não apenas como autoridade espiritual, mas como autoridade intelectual. Era essencial para a disseminação da memória escrita, por exemplo, o trabalho dos monges copistas. Todavia, quando se lê a História dos Reis da Bretanha, vários elementos com raízes celtas são perceptíveis, mostrando os traços de sua origem pagã. Esse evento desafia, em primeiro momento, a crença de que elementos pagãos desapareceriam na memória literária, dando lugar cada vez mais para uma memória cristã ou pelo menos cristianizada.

Ao comparar fontes anteriores ao História dos Reis da Bretanha, o quadro parece mais confuso ainda. Para fins práticos, tomemos Nennius novamente como exemplo. Em seu livro, História dos Bretões, estava temporalmente mais próximo de Artur e em seu livro, o caráter cristão de Artur parece ser muito mais importante do que na obra de Monmouth. Nennius traz Artur como alguém que luta em nome dos reis britânicos carregando a imagem da Virgem Maria em seus braços (NENNIUS, 2000). Já em Monmouth, Artur carrega claramente consigo a imagem de Maria, pintada em seu escudo, *Pridwen* (MONMOUTH, 1999), mas ele próprio somente foi concebido com a ajuda de uma espécie de feiticeiro, que o ajuda posteriormente a conseguir uma espada de uma aparente divindade do lago. Essa relação é estranha, visto que os dois autores eram monges, além de estarem escrevendo num contexto cristão e cristianizado. Mas Nennius estava mais próximo do tempo em que a cultura celta e o druidismo realmente eram parte integrante da sociedade bretã. É claro que existem elementos da cultura e religião celta em Nennius, mas o documento não dá foco neles, adquirem um tom esquecido no plano de fundo. Enquanto isso, Geoffrey de Monmouth escreve em um tempo muito distante à derrota dos bretões e ao desaparecimento de formas religiosas da cultura celta ou do druidismo, e é sua obra que dá destaque para uma memória mitológica do passado inglês e bretão.

No entanto, essa contradição pode ser explicada¹⁴ pelo fato que, em sua provável falta de fontes para suprir o vazio ao redor de Artur, Monmouth recorreu à tradição oral, aos poemas e lendas sobre aquela época. Ao ter como material fonte a memória do passado interpretado pelas lendas, elementos desse passado também foram trazidos à vida novamente. Não há dúvida que Geoffrey de Monmouth tenha usado fontes documentais (ASHE, 1981) para a composição de seu livro, mas suas fontes e o uso que fez delas está longe de ser completamente entendido. Por exemplo, Geoffrey teria recebido um livro de Walter, arcebispo ou arqui-diácono de Oxford, um livro tradicional bretão, conforme visto no excerto:

Enquanto eu estava concentrado em pensamentos como esses, Walter, arqui-diácono de Oxford, um homem de grande eloquência e conhecedor de histórias estrangeiras, me ofereceu um livro muito antigo em língua britânica, que, em uma história contínua e estilo elegante, relatava as ações de todos eles, desde Brutus, o primeiro rei dos britânicos, até Cadwallader, filho de Cadwallo. (MONMOUTH, 1999, p. 2, tradução nossa)¹⁵.

O livro nunca foi encontrado e não é certo se realmente existiu, o que indica, muito provavelmente, que a maioria de seu material fonte foi uma grande mistura de documentos, hoje perdidos. Monmouth recorre, então, à mitologia como memória do passado. Em sua época, as fontes documentais sobre o período já eram escassas (LUPACK, 2005), o que lhe legava lacunas na história que, por escolha do autor, foram preenchidas com lendas. Geoffrey de Monmouth tenta combinar tradições memorialísticas diferentes e organizá-las de maneira coerente, como tentou fazer no caso de Merlin.

Merlin, foi uma invenção de Monmouth (LACY, 2013), e é resultado de uma fusão de figuras diferentes: um guerreiro bretão, um profeta da tradição oral e muito provavelmente um deus ou divindade menor da cultura celta e druida. Esse profeta, por exemplo, Myrddin, teria vivido depois da época que o autor assinala como a época de Artur, requisitando que Geoffrey de Monmouth tentasse “corrigir seu erro” em um livro posterior, *Vita Merlini* (LACY, 2013, p. 45-46).

Merlin, como outras figuras no livro, foi produto da tentativa de montar uma história, reconciliando tradição popular com tradição documentária. Geoffrey de Monmouth, ao fazer

¹⁴ Considero que essa questão da mitologia celta e a cristianização da memória em Monmouth não esteja fechada, necessitando de um maior debate para uma explicação que possa abarcar a complexidade desse assunto. Sintetizo, portanto, uma tese resumida tentando explicar esse fenômeno, dando um panorama dos problemas a serem levantados sobre esse tema.

¹⁵ “Whilst I was intent upon these and such like thoughts, Walter, archdeacon of Oxford, a man of great eloquence, and learned in foreign histories, offered me a very ancient book in the British tongue, which, in a continued regular story and elegant style, related the actions of the actions of them all, from Brutus the first king of the Britons, down to Cadwallader the son of Cadwallo”

essa escolha, levou consigo vários elementos que, anteriormente, estavam restritos apenas ao folclore da época antes da conquista saxônica, mas que deixava seus lastros. Utilizando o pensamento de Michael Pollak (1989), a memória celta na Inglaterra na época de Monmouth se configurava como memória complexa no tocante à sua exposição. A primeiro momento se forma como memória dos excluídos, de um grupo social subjugado desde a conquista (LACY, 2013), mas reaparecendo de uma nova forma, atrelado à memória da coroa após a repercussão do livro *História dos Reis da Bretanha*. É a partir de Monmouth que a figura de Artur toma poder de autoridade representativa, um modelo de rei, uma figura distante no passado à qual os reis da Inglaterra, como os Tudors e os Stuarts posteriormente buscam demonstrar sua ancestralidade com ele (LUPACK, 2005). A memória, antes subterrânea, passa a ser memória oficial da coroa.

A memória de Artur, que antes levantava problemas e questões sobre a sociedade inglesa, como: até onde eram todos um povo só; em que medida os ingleses eram “verdadeiros britânicos” dentre outros, ressaltando as fissuras que a conquista saxã se adequando à nova realidade, foi integrada por uma espécie de “memória oficial”. Conforme argumentado por Pollak:

Observou-se a existência numa sociedade de memórias coletivas tão numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade. Quando elas se integram bem na memória nacional dominante, sua coexistência não coloca problemas, ao contrário das memórias subterrâneas discutidas acima. Fora dos momentos de crise, estas últimas são difíceis de localizar e exigem que se recorra ao instrumento da história oral. (POLLAK, 1989, p. 13).

A memória, agora incorporada pelo poder oficial, muda seu caráter, muito mais de ruptura com a sociedade, mas de continuidade de uma mesma sociedade, com a Inglaterra sendo considerada filha da Bretanha e mesmo os reis sendo a continuidade sanguínea de Artur (LUPACK, 2005, p. 333 e 334). Essa resignificação da memória cria um novo tipo de arturianismo, se alimentando de novos conceitos, de novas contribuições literárias para o Ciclo Arturiano, ou seja, para o conjunto de tradições literárias que envolvem Artur. Por isso a publicação de *Historia Regum Britanniae* é um marco não apenas como fato da história arturiana, mas como evento da memória arturianística.

A INFLUÊNCIA DAS CRUZADAS: *LE CONTE DU GRAAL*, *LANCELOT* E O AMOR CORTÊS

Escrito na década de 1180 pelo poeta francês Chrétien de Troyes, o livro *Perceval* ou *le Conte du Graal*, embora tenha sido deixado incompleto, deixou um legado considerável para o ciclo arturiano. *Perceval* introduz uma nova dinâmica na narrativa arturiana, o Graal, assim como *Lancelot* lança um novo personagem, com Chrétien dedicando um livro inteiro a ele, também inacabado (LACY, 2013). Ambos os elementos, posteriormente incorporados fortemente à tradição se tornaram praticamente inseparáveis do mito de Artur (LUPACK, 2005). Essa nova fase, iniciada por *Perceval*, inauguram novos conceitos que se tornaram vitais para a compreensão do mito arturiano após esse momento histórico.

Chrétien de Troyes foi herdeiro das concepções de Wace. Como escritor, ele se apropria do material documentado (e/ou criado) por Monmouth e o usa como pano de fundo para seus romances e poemas. No molde do “romance de cavalaria”, Chrétien começa a mostrar técnicas e tendências característica dessa esfera da literatura medieval e também moderna. É com Chrétien de Troyes que a lenda de Artur passa a valorizar o chamado *amor cortês*, “incluindo adoração à dama, desejo de servi-la de maneira devota e a noção de que esse serviço enobrece o amante” (LACY, 2013, p. 70); juntamente elementos culturais simbólicos como o Graal, projetados sobre a memória das cruzadas.

Um dos conceitos mais importantes para se compreender a literatura de Chrétien de Troyes, e a contemporânea à dele, é o amor cortês, que foi fortemente ligado à cavalaria e a idealização do cavaleiro. De acordo com Lacy e Ashe (2013):

A "teoria" do amor cortês está contida em *De Amore* ("Sobre o Amor"), de Andreas Capellanus, um contemporâneo do século XII de Chrétien que descreveu "cortes do amor" que julgavam questões de dever e serviço amorosos. Andreas também incluiu uma longa lista de "regras" do amor, em que afirmou que amor e casamento são incompatíveis e descreveu as ações e reações apropriadas aos amantes. Embora destinada como um tratado irônico, a composição de Andreas muitas vezes tem sido considerada ao pé da letra (LACY, 2013, p. 71, tradução nossa)¹⁶.

Como marca de seu tempo, Chrétien se envolve fortemente com esse conceito de amor, desenvolvendo a trama entre Lancelot e Guinevere, a esposa de Artur, romantizando o

¹⁶ “The “theory” of courtly love is contained in *De amore* (“On Love”), by Andreas Capellanus, a twelfth-century contemporary of Chretien who described “courts of love” that adjudicated questions of amorous duty and service. Andreas also included a longlist of loves “rules,” in which he affirmed that love and marriage are incompatible and described the actions and reactions appropriate to lovers. Though intended as an ironic treatise, Andreas’s composition has often been taken at face value.”

relacionamento do cavaleiro e da rainha, assim como dramatizando o contexto com que os dois se encontravam. Durante o *Lancelot*, Chrétien descreve os feitos do cavaleiro para demonstrar seu amor para a rainha e como esse amor era puro e cheio de paixão. A figura de Lancelot é apresentada como peça fundamental de um novo aspecto da memória arturiana: o estilo ensaístico e romancista da lenda. As ações de Lancelot, seus sentimentos, seus desafios adquirem um tom lírico e também reflexivo. Sua relação com Guinevere ganha foco especial na literatura romancista de Chrétien, podendo mesmo ser posto em debate se o autor aprovava ou não o fato de que Lancelot nutria relações coma esposa de Artur, como relata Joseph Duggan na nota ao final de *Lancelot, The Knight of the Chart*:

Em seu relacionamento com a rainha, então, Lancelot exhibe o fino amor, o amor "puro", no sentido de ser uma afetividade abrangente e exclusiva, enquanto ele continua a permanecer sujeito aos efeitos restritivos da vergonha em suas relações com outros personagens. Mas Chrétien nunca expressa abertamente em Lancelot qualquer hesitação sobre esse desvio dos princípios que exemplificam uma conduta louvável em suas outras obras. (DUGGAN, p. 241, tradução nossa)¹⁷.

Crítico ou não da traição, Chrétien de Troyes escreve dando foco no sentimento de Lancelot, mostrando seu sofrimento e sua paixão. No fim, o livro é sobre as paixões do cavaleiro sobre a rainha muito mais do que é sobre a traição. De acordo com Lacy e Ashe (1997), *Lancelot* traça um paradigma entre o dever e a paixão, o dever militar e o amor, em que um não é compatível com o outro, mas o amor faz a sua vontade, sendo superior ao que o limita. É a partir desse estágio, agora já como romance e não como crônica, que os personagens do mito arturiano tomam uma proporção poética, como palco para escritores, poetas e romancistas.

É também após Chrétien que um elemento central aparece no teatro arturianístico: o Graal. Chamado posteriormente de Santo Graal, o cálice sagrado muito provavelmente foi fruto legado do tempo de Chrétien. As obras de Chrétien de Troyes foram fortemente influenciadas pela primeira (com fim em 1099) e pela segunda cruzada (com fim em 1149) e o envolvimento da França nesses dois processos históricos. A busca pela terra sagrada é também uma busca pelas relíquias santas. O tema religioso abordado em *Perceval* com o Graal, a apropriação do simbolismo religioso, intensifica o processo de cristianização da memória de Artur, conforme indicado por Le Goff e anteriormente já discutido. A busca pelo

¹⁷“In his dealings with the queen, then, Lancelot exhibits fine amor, "pure" love, in the sense of being an all-encompassing, exclusive affection, while he continues to remain subject to the restraining effects of shame in his relations with other characters. But Chretien never openly expresses in Lancelot any hesitancy over this deviation from the principles that exemplify praiseworthy conduct in his other works”

Graal também desenvolve mais personagens além do próprio Perceval (ou Percival) como o Rei pescador, que é ferido e se torna infértil e assim seu reino se torna infértil com ele. O Rei Pescador, então, incentivaria a busca do Graal a fim de que o Graal lhe traga a cura e sua terra volte a florescer (LUPACK, 2005). O conceito da relação entre a terra e o Rei Pescador é um novo resgate da cultura celta, que dizia que o rei desposava a terra, e, sendo o rei infértil, a terra também seria. Embora com pitadas de elementos pagãos, a obra de Chrétien não deixa de ser baseada fortemente em símbolos cristãos.

Com a contribuição da escrita de Chrétien de Troyes, um novo tipo de arturianismo é proposto, com uma nova memória de Artur, em um novo contexto. A partir desse momento, a memória não é apenas de Artur, mas de seus cavaleiros, de sua corte. Camelot, a corte de Artur se torna o principal elemento de memória atrelada ao Ciclo Arturiano. Eventos como a busca do Graal continuam presentes adiante, dando continuidade ao legado de *Perceval*. O arturianismo, a partir desse ponto não se refere tanto a uma memória de Artur, mas a um quadro bem maior, à memória de uma instituição social: a cavalaria. A lenda de Artur se torna referência moral que norteia a cavalaria, a fonte de seus ideais e o campo sobre o qual os escritores e poetas desenvolvem suas reflexões sobre dever, moralidade, paixão e outros temas que circundam o romance de cavalaria.

O CICLO VULGAR: *LE MORTE D'ARTHUR* E A REAPROPRIAÇÃO DA CAVALARIA

O ciclo vulgar foi um movimento literário posterior a Chrétien de Troyes e se caracterizou por uma grande popularização e disseminação do ciclo arturiano, justificando seu nome (LUPACK, 2005). Uma das melhores obras de referência para o ciclo vulgar, é, na realidade, uma obra posterior ao momento histórico do ciclo, o *le Morte D'Arthur* é uma obra escrita por Sir Thomas Malory, que resume em grande medida a tradição do ciclo vulgar, carregando consigo as contradições desse ciclo e movimento literário. O ciclo vulgar reapropria vários conceitos apresentados por autores anteriores e desenvolve-os de maneira própria, enfocando sobretudo nos dois elementos principais criados por de Troyes: Lancelot e o Graal. Pela primeira vez, os cavaleiros de Artur tiveram tanto espaço quanto o próprio Artur, sendo, cada um, palco para a exploração das virtudes cavalheirescas.

Elementos antes estabelecidos de maneira pouco abordada ganham nova dimensão, como por exemplo a dimensão do Graal para o Santo Graal. Surge a explicação que o Santo Graal, o cálice da Última Ceia, foi levado até a Bretanha por José de Arimateia e lá ele teria fundado a abadia de Glastonbury. A busca pelo Graal foi expandida, com mais cavaleiros buscando o cálice, e somente Galahad, filho de Lancelot, conseguindo obter o Graal. Percival, antes personagem central de Chrétien de Troyes, é tido como o “cavaleiro do Graal” antes de Galahad. Muito conteúdo foi sistematizado, colocado em ordem e tradições diferentes foram incorporadas, como Tristan e Isolda.

Diferentemente do paradigma estabelecido por de Troyes, o romance entre Lancelot e Guinevere se torna peça principal para a queda de Camelot e queda do próprio Artur, tomando um tom de verdadeira tragédia (LACY, 2013). Mesmo Mordred, antes, em Monmouth apenas um sobrinho de Artur, toma, em *le Morte D'Arthur*, o papel de filho bastardo de Artur com sua irmã, Morgana (MALORY, 2015), linha essencial para a grande trama contra Artur, em uma dupla traição, a traição da rainha e de Mordred. As mudanças do paradigma social afetaram fortemente a concepção do ciclo vulgar, como visto na mudança de postura no julgamento que recaía sobre Lancelot, sendo necessário apresentar um novo ideal de cavalaria: Galahad, filho de Lancelot, com muitas de suas qualidades e pouco de seus defeitos, Galahad substitui o pai como cavaleiro ideal, portando a virtude da pureza como sua principal arma (LACY, 2013).

Esse novo arturianismo, representado por Malory, tem caráter ligado mais ao aspecto pedagógico do Ciclo Arturiano do que em estabelecer um vínculo com o passado. A Bretanha e os embates contra os saxões são elementos quase que postos de lado. Além disso, a partir da segunda metade do livro, a figura de Artur se porta muito mais como figura secundária à trama, tendo os cavaleiros da Távola Redonda como primeiro plano da história e trama. A dimensão quase pedagógica da obra, em *le Morte D'Arthur* também é destacada por Caxton, no prefácio, “E eu, de acordo com a minha cópia, realizei a impressão, o fiz com o intuito de que homens nobres possam ver e aprender nobres atos de cavalheirismo” (CAXTON, 2015, p. 8, tradução nossa¹⁸), corroborando com o caráter filosófico, quase ensaístico do romance, distanciando cada vez mais do tom crônico adotado no início do ciclo. Artur passa a ser creditado cada vez mais como uma fonte de discussão das virtudes humanas, juntamente a

¹⁸ “And I, according to my copy, have done set it imprint, to the intent that noble men may see and learn the noble acts of chivalry”.

seus cavaleiros do que propriamente um assunto factual. Uma alegoria do mundo medieval. Um recuso literário e não mais um rei pretérito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo da memória individual, o contato do indivíduo com interpretações sobre sua memória, falsas ou não, tem a capacidade de alterar essas mesmas memórias, segundo indica Loftus (2005). A reinterpretação do passado, ou mesmo a revisitação dele pode alterar a memória sobre algum evento particular (LOFTUS, 2005). É sensato pensar que a memória coletiva age de maneira semelhante. Como visto neste artigo, com a revisitação de aspectos da memória arturiana existe a criação de um novo movimento de memória, criando um novo arturianismo, ou seja, criando uma nova prática de memória sobre um passado distante, talvez ficcional. A representação dessa memória muda, as práticas de memória se alteram. Essa mudança se deve por diversos motivos, como foi explicitado. Ocorre devido: 1) à fonte utilizada como base para cada escritor; 2) ao uso ou ao não uso de elementos culturais, mitológicos e como isso agrega à memória; 3) ao uso da memória para constituir uma narrativa ou reflexão moral; 4) pela intenção ou não de fazer história pelo material escrito; entre outros. Entretanto, não se deve distanciar da compreensão que, acima de todos esses elementos, a memória muda com o tempo, pois é viva. Muda a cada vez que é revisitada. Muda conforme é lembrada.

Os arturianismos não são, portanto, apenas uma memória de uma época sobre um mito comum de base bretã e posteriormente inglês. Na verdade, essas práticas de memória podem ser chave central para entender como cada interpretação pode ser marca de seu tempo, estando imersa em um contexto linguístico específico, um microcosmo próprio. Novos elementos tomam novas formas em temporalidades diferentes. Existe, atrelado à lenda arturiana, conceitos datados, forjados cada um à sua época, dispostos a mudarem conforme a cultura e a sociedade. Dessa maneira, além de pensar a tradição arturiana como um mapa complexo para um Artur histórico, talvez mais importante que isso seja compreender como a literatura arturiana tem a capacidade de mostrar conceitos da memória medieval em suas mudanças e permanências.

De forma breve, em momentos históricos diversos, esse artigo destaca as importâncias de se pensar na história da literatura e da memória como tão importantes como a história

política do medievo. Também assim se faz necessário compreender práticas de memória diversas, conectadas pela sua relação com Artur, os Arturianismos, termo plural para comportar a pluralidade tanto de suas propostas quanto de suas diversas manifestações ao longo da trajetória histórico-literária inglesa.

REFERÊNCIAS

- ASHE, Geoffrey. **"A Certain Very Ancient Book":** Traces of an Arthurian Source in Geoffrey of Monmouth's History. *Speculum*, Vol. 56, No. 2. Chicago: University of Chicago, 1981, p. 301-323.
- ASSMANN, Jan. **Communicative and cultural memory.** In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural Memory Studies: an international and interdisciplinary handbook.* Nova Iorque: De Gruyter, 2008. p. 109-118.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 2002.
- CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CAXTON, William. Prefácio. In: MALORY, Sir Thomas. **Le Morte d'Arthur.** Nova Iorque: Barnes & Noble, 2015.
- CHARTIER, Roger. **Cultural History: Between Practices and Representations.** Tradução de Lydia G. Cochrane. Nova Iorque: Cornell University Press, 1988
- COSTA, Ricardo da; OLIVEIRA, Bruno. **Visões do apocalipse anglo-saxão na "Destruição Britânica em Elegia" (c. 540-546), de São Gildas.** Conteúdo online: Brathair, 2001.
- DUGGAN, Joseph J. Afterword. Notes. In: TROYES. Chrétien. **Lancelot, The Knight of the Chart.** Londres: Yale University Press, 1997.
- FULTON, Helen. **Cultural Heroism in the Old North of Britain: The Evidence of Aneirin's Gododdin.** Sydney: Sydney Studies in Society and Culture, 1994.
- LACY, Norris J; ASHE, Geoffrey. **The Arthurian Handbook.** 2º Edição. Nova Iorque: Routledge 1997.
- LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** tradução Bernardo Leitão. Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.

LOFTUS, Elizabeth F. **Planting misinformation in the human mind**: A 30-year investigation of the malleability of memory. *Learning & memory*, 12(4), 361-366. Conteúdo digital: CSH Press, 2005.

LUPACK, Alan. **The Oxford Guide to Arthurian Literature and Legend**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

MALORY, Sir Thomas. **Le Morte d'Arthur**. Nova Iorque : Barnes & Noble, 2015.

MONMOUTH, Geoffrey de. **History of the Kings of Britain**. Tradução de Aaron Thompson. Ontario: In Parenthese Publication, 1999.

NENNIUS. **History of the Britons (Historia Brittonum)**. Tradução de J. A. Giles. Ontario: In Parenthese Publication, 2000.

NORRA, Pierre. **Entre Memória e História**: A problemática dos lugares. São Paulo: Proj. História, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro : Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRODUCTIONS, Overly Sarcastic. **Legends Summarized: King Arthur**. Conteúdo digital: YouTube, 2018, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=i_jgF-S746o&t=395s>, acessado em 20/01/2023.

SILVA, Juliani B. da; *et al.* **Memória, Identidade E Representações Sociais**. Porto Alegre : RIHGRGS, 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

TROYES, Chrétien, **le Conte du Graal ou Perceval**. Ottawa: l'ENS de Lyon dans la Base de français medieval, 2013.